

CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE NUTRIÇÃO SOBRE ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR

ANDRÉIA COELHO DOS SANTOS¹; FRANCINE SILVA DOS SANTOS²; GICELE COSTA MINTEN³; DENISE PETRUCCI GIGANTE⁴;

¹*Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Nutrição. Curso de Nutrição – andreiabida@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Nutrição. Programa de Pós-Graduação em Nutrição e Alimentos – fran_12_ss@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Nutrição. Departamento de Nutrição – giceleminenepi@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Nutrição. Departamento de Nutrição – denisepgigante@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Até o sexto mês de vida, o leite materno é um alimento completo, pois fornece nutrientes e protege de doenças (SILVA; GUBERT, 2010). A partir dessa idade, a introdução de alimentos deve complementar as funções do leite materno. Alimentos sólidos ou semissólidos são considerados alimentos complementares. A alimentação complementar visa aumentar a densidade energética e micronutrientes da dieta, essenciais para o desenvolvimento e crescimento da criança (SILVA; VENÂNCIO; MARCHIONI, 2010).

A eficácia da alimentação complementar depende do suporte oferecido à mãe ou responsável e a atenção dada a criança. Profissionais de saúde devem estar atentos às necessidades da criança e da família, esclarecendo dúvidas, preocupações e dificuldades. Para que se mudem hábitos alimentares culturalmente estabelecidos, torna-se necessário um trabalho contínuo dos profissionais de saúde e dos formadores de opinião, no intuito de orientar mães e gestantes, sobre alimentação complementar nos primeiros anos de vida (BRASIL, 2015).

O nutricionista exerce papel importante nesse cenário, pois tem o dever de promover recomendações sobre amamentação e alimentação complementar. Contudo, muitos nutricionistas se veem incapazes para atuarem na assistência à amamentação e alimentação complementar. Além de exigir habilidade, empatia e sensibilidade, muitos profissionais não possuem os meios necessários para disseminar esses conhecimentos para a população.

Com isso, torna-se de suma importância o aperfeiçoamento dos profissionais da saúde, na área de amamentação e alimentação complementar, principalmente o nutricionista, para que melhor possam atender e sanar dúvidas da população, promovendo hábitos alimentares saudáveis nos primeiros anos de vida e, dessa forma, assegurar o crescimento, desenvolvimento e um futuro saudável para as crianças (VIEIRA, et. al., 2009).

O presente estudo tem o objetivo de avaliar o conhecimento dos estudantes do curso de Nutrição, sobre alimentação nos primeiros dois anos de vida.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa teve um delineamento transversal e foi realizada na Universidade Federal de Pelotas, em Julho de 2015. Participaram graduandos do Curso de Nutrição do primeiro e do sexto semestres. As entrevistas foram realizadas em um dia de prova final das turmas, com o intuito de encontrar o maior número de estudantes para responder o questionário.

O desfecho foi o escore de conhecimento sobre alimentação nos primeiros dois anos de vida. Para o cálculo desse escore utilizou-se um instrumento elaborado para o estudo, tendo como referências as referências do Ministério da Saúde (BRASIL, 2013) e a literatura científica (TOMA 2008). De acordo com as proposições, os alunos assinalaram, em questionário autoaplicável, uma das seguintes alternativas: certo, errado ou não sei, esta última considerada como errada para o escore. Na análise as questões foram divididas nos seguintes módulos: geral (25 questões); aleitamento materno (5 questões) e alimentação complementar (20 questões). O escore foi determinado pela razão entre as respostas corretas e o total de questões em cada módulo, podendo variar de 0,00 a 1,00. Para digitação dos dados foi utilizado o programa estatístico EpiData 3.1 e após checagem de inconsistências e correções obteve-se o banco de dados para análise estatística, conduzida no programa Stata 12. Foram realizadas análises descritiva (frequência, porcentagem, média e desvio padrão) e bruta (teste t) e considerando significância estatística um valor $p<0,05$. O desfecho foi analisado de forma contínua. Esta pesquisa é referente ao piloto de um estudo principal, cujo projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pelotas, a partir da Plataforma Brasil. Solicitou-se a autorização do regente da disciplina e os discentes consentiram por escrito a sua participação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 46 estudantes de graduação, distribuídos igualmente entre os semestres avaliados. A Tabela 1 expõe que 44, dos 46 entrevistados, acertaram as questões referentes a: duração do aleitamento materno exclusivo, não incluir água, chá, suco no aleitamento materno exclusivo e período de introdução da alimentação complementar. Em contrapartida, apenas um terço, ou seja, 15 dos 46 entrevistados acertaram a questão referente ao consumo de água entre as refeições, na alimentação complementar; também cerca de 30% (15) dos entrevistados acertaram a questão referente à frequência de ingestão de vísceras e miúdos; enquanto quase um quarto deles (11) acertou a questão referente à orientação de refeição extra à criança convalescente.

Estudos mostram que oferecer água, chá ou suco à criança amamentada, dobra o risco de diarreia nos primeiros seis meses (BRASIL, 2015). Porém, é de extrema relevância o conhecimento sobre a frequência de ingestão de vísceras e miúdos, pois eles contêm importantes fontes de ferro, em uma fase que a criança é vulnerável a anemia por deficiência de ferro, devido a elevada recomendação e difícil de ser atingida na alimentação. Também é necessário, que o profissional de saúde estimule a criança doente e convalescente a manter sua alimentação habitual e seus alimentos preferidos, respeitando a sua aceitação, e assim, recuperar-se mais rápido. Com o início da introdução alimentar é importante que a criança tome água nos intervalos das refeições, que deve ser o mais limpa e filtrada possível, para que a criança tenha uma melhor deglutição (BRASIL, 2013).

TABELA 1 - Frequência de acertos para cada uma das vinte e cinco questões do teste de conhecimentos envolvendo estudantes de nutrição. Pelotas. Rio Grande do Sul, 2016 (N=46).

ASSUNTOS DAS QUESTÕES	n (%)
1. Duração do AME	44 (95,7)
2. Não incluir água, chá, suco no AME	44 (95,7)
3. Período de introdução da AC	44 (95,7)
4. Duração do AM	37 (80,4)
5. Consumo de água entre as refeições, na AC	15 (32,6)
6. Introdução da AC para alimentados por fórmula	22 (47,8)
7. Período para introdução da alimentação da família	30 (65,2)
8. Período de introdução de leguminosas (feijão)	25 (54,4)
9. Frequência de ingestão de vísceras e miúdos	15 (32,4)
10. Alimentos fonte de vitamina C	38 (82,6)
11. Evitar alimentos líquidos para iniciar AC	25 (54,3)
12. Uso de liquidificador e peneira	27 (58,7)
13. Evitar insistir para criança ingerir toda a refeição	35 (76,1)
14. Variabilidade de frutas e vegetais na dieta	40 (87,0)
15. Alimentos fonte de ferro	41 (89,1)
16. Benefícios dos alimentos fonte de vitamina A	36 (78,3)
17. Contraindicação do mel	25 (54,3)
18. Alimentos não nutritivos no primeiro ano de vida	34 (73,9)
19. Alimentos não nutritivos e relação com doenças	36 (78,3)
20. Reaproveitamento das refeições	28 (60,9)
21. Higiene no manuseio e armazenamento adequados	35 (76,1)
22. Distrações (ex. TV) no momento da refeição	34 (73,9)
23. Quantidade de alimento ofertada a criança doente	20 (43,5)
24. Pode orientar refeição extra a criança convalescente	11 (23,9)
25. Orientações para mãe que trabalha seguir amamentação	33 (71,7)

AME: aleitamento materno exclusivo; AC: alimentação complementar e TV: televisão

A Tabela 2 mostra que no Módulo de Aleitamento Materno, das 5 questões, o mínimo de acertos foi de 40%, ou seja 2 questões, e o máximo foi de 100%, com média no escore de 0,88. No Módulo Alimentação Complementar, das 20 questões, o mínimo de acertos foi 10%, ou seja, duas questões, e o máximo 95% ou 19 questões, com média no escore de 0,62. Resultados similares foram encontrados em um estudo de intervenção com profissionais de saúde: técnicos em enfermagem, enfermeiros, médicos e pediatras, que atendiam crianças cadastradas na ESF (Toma, 2008). Os resultados encontrados no presente estudo são satisfatórios, tendo em vista que os alunos do primeiro semestre, ainda não têm o mesmo conhecimento dos alunos do sexto semestre. Mas percebe-se uma média baixa no Módulo de Alimentação Complementar, tema que é de extrema importância para o conhecimento do profissional de saúde (BRASIL, 2013).

TABELA 2 - Escore de acertos no teste de conhecimentos dos estudantes de nutrição de acordo com o módulo das questões. Pelotas. Rio Grande do Sul, 2016 (N= 46).

Variáveis	Nº questões	Escore	Amplitude
Escore Geral	25	0,67	(0,24 – 0,96)
Módulo Aleitamento Materno	05	0,88	(0,40 – 1,00)
Módulo Alimentação Complementar	20	0,62	(0,10 - 0,95)

Na Tabela 3 observa-se que os estudantes do primeiro semestre obtiveram média no escore geral de 0,50, enquanto no escore de alimentação complementar a média foi de 0,43. Já para os estudantes do sexto semestre a média no escore geral foi de 0,84 e a média no escore de alimentação complementar foi de 0,81. Essas médias mais baixas para os estudantes do primeiro semestre justificam-se por ainda não terem cursado a disciplina de Nutrição Materno-Infantil, que tem por objetivo

desenvolver e justificar ações que contribuam para a promoção, manutenção e melhoria clínica e nutricional do grupo materno-infantil, sendo que a mesma estava sendo cursada pelos alunos do sexto semestre.

TABELA 3 - Escores de conhecimento conforme o semestre dos estudantes de nutrição. Pelotas. Rio Grande do Sul, 2016.

Variável	Escore Geral		Escore AC	
	Média	Valor p	Média	Valor p
Semestre		<0,001		<0,001
Primeiro	0,50		0,43	
Sexto	0,84		0,81	

4. CONCLUSÃO

Pelos resultados do presente estudo, conclui-se que, entre os entrevistados, há maior conhecimento sobre aleitamento materno do que sobre alimentação complementar, o que mostra a necessidade do aprofundamento desses temas, tanto dentro, como fora da sala de aula. Contudo, deve ser levado em conta que, alguns dos estudantes entrevistados estavam no início do curso de Nutrição e, consequentemente, demonstraram menor domínio deste conteúdo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Dez passos para uma alimentação saudável: guia alimentar para crianças menores de dois anos: um guia para o profissional da saúde na atenção básica/ Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 2 ed. – 2 reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

SILVA, L. M. P.; VENÂNCIO, S. I.; MARCHIONI, D. M. L. Práticas de alimentação complementar no primeiro ano de vida e fatores associados. **Competência: revista de nutrição** – SP, Campinas, v. 23, n. 6, p. 983-992, 2010.

SILVA, R. Q.; GUBERT, M. B. Qualidade das informações sobre aleitamento materno e alimentação complementar em sites brasileiros de profissionais de saúde disponíveis na internet. **Competência: revista brasileira de saúde materno infantil** – PE, Recife, v. 10, n. 3, p. 331-340, 2010.

TOMA, T. Alimentação de crianças do Programa Saúde da Família (PSF): fatores associados à amamentação plena e impacto de um curso de aconselhamento em alimentação infantil nos conhecimentos de trabalhadores de saúde. 2008.157 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2008.

VIEIRA, R. W.; DIAS, R. P.; COELHO, S. C.; RIBEIRO, R. L. Do aleitamento materno à alimentação complementar: atuação do profissional nutricionista. **Revista Saúde e Ambiente** [da] Universidade Unigranrio, v. 4. n. 2, p. 1-8, jul-dez. 2009.